

O PANORAMA.

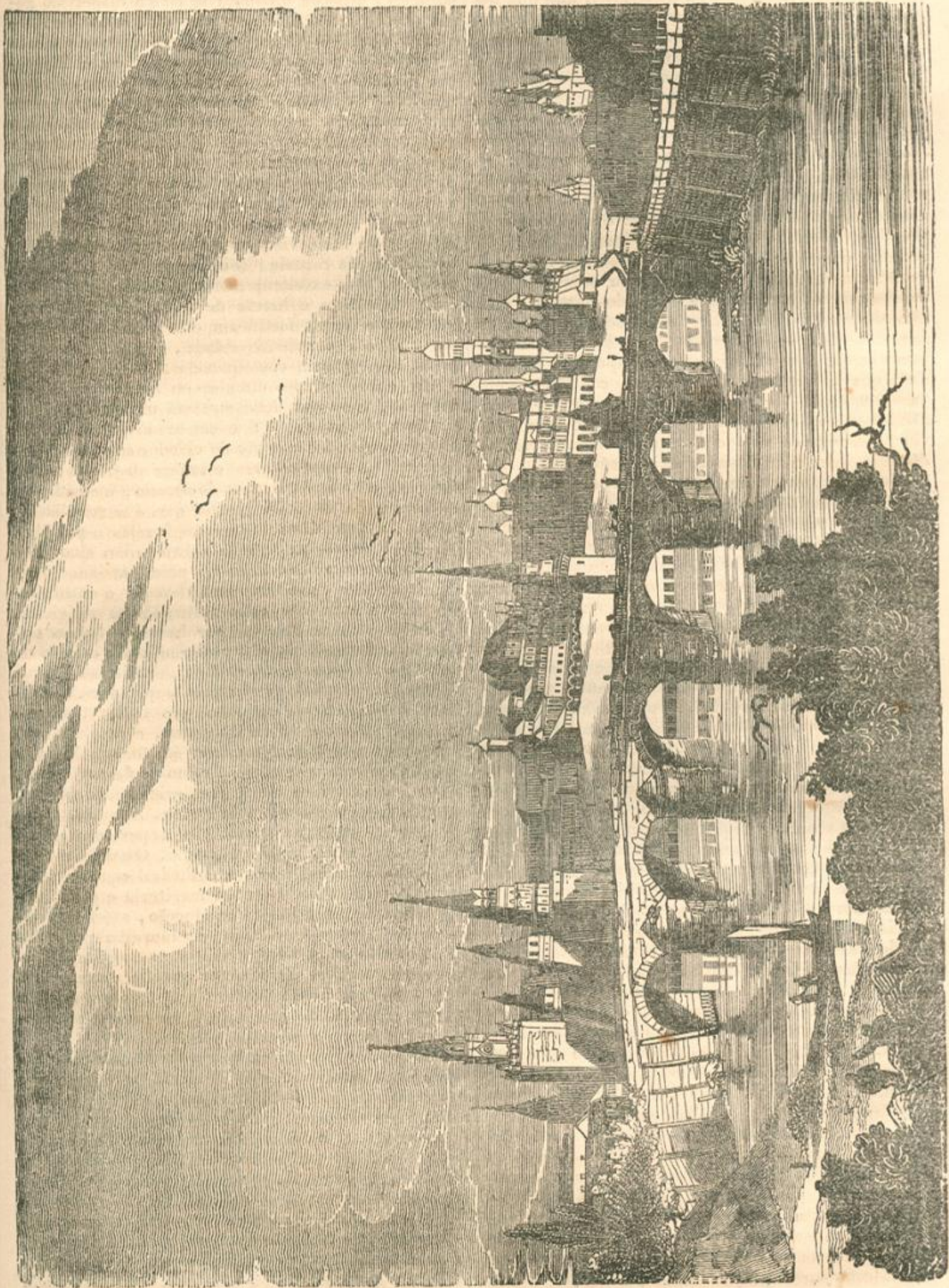
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

127)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (OUTUBRO 5, 1839)



MOSCOW.

MOSCOW. — INCENDIO DE 1812.

ESTA cidade, antiga capital do ducado de Moscovia, o foi tambem de toda a Russia até o principio do seculo passado. A politica perspicaz de Pedro o grande, comprehendeu que Moscow seria capital muito adequada para um imperio sustentado unicamente pela opulencia dos nobres feudaes, e pelo trabalho de servos *adscriptos ao terreno*, mas que nenhuma proporção tinha para ser o emporio d'uma nação immensa, que devia fazer progressos rapidos, cultivar relações commerciaes, e firmar a força e poder do paiz pelo aperfeiçoamento da civilização. Estas considerações induziram o monarcha reformador a fundar sobre o Neva a magnifica cidade, que hoje se chama S. Petersburg: desde então Moscow desceu da preeminencia de capital dos dominios do Czar. Os negociantes, fabricantes, militares e cortesãos afluíram á nova cidade: mas nem por isso esta deserção diminuiu grandemente o extremo esplendor da cidade mais antiga; porque ahí ficou reunida a grande corporação da nobreza, que, adversaria a mudanças, recusou largar os seus bairros coevos com o incremento e poder do imperio; com ella necessariamente ficou a immensa porção de seus vassallos, e os artifices de obras de luxo e pompa, que não achariam facil emprego n'uma cidade que se hia fundar, e que pelo contrario achavam constante trabalho em Moscow, que é semi-asiatica e semi-europea, quer pela apparencia exterior, quer pelos usos dos natúraes e concorrência d' estrangeiros e de fazendas de diversos paizes, sendo estas levadas de mares oppostos por grande extensão de territorio a este centro da parte europea do imperio russo, para aqui fazerem uma feira d' infinita variedade de objectos e generos. Por isso não perdeu Moscow tanto como se podia pensar com a remoção da séde do governo, e continuou a ser uma das cidades notaveis do mundo, sem os auxilios que derivam da presença d'uma corte florescente.

Como grande parte dos edificios eram de madeira, nenhuma cidade tem sido por tantas vezes victima de violentos incendios; porem o mais recente é tambem o mais celebre pela causa que o motivou: foi um rasgo heroico de patriotismo na invasão do exercito francez em 1812: os russianos preferiram ao jugo estrangeiro o queimar seus bens e propriedades, lançando fogo geralmente á cidade, que ficou quasi reduzida a cinzas; porque assim privaram os francezes de todos os socorros, fugindo todos os habitantes, e deixando tropas numerosas, em terreno assolado, e aspero clima, destituidas de viveres e bastimentos: foi este o golpe fatal que suspendeu os triumphos de Napoleão, e produziu a aniquilação do seu exercito. Depois do horrivel desbarate de Berodino, que abriu o caminho de Moscow aos invasores, baldada a valente resistencia que ao seu progresso os russianos opposeram, o conde de Rostopchin, governador da cidade, vendo que seria infructuosa a defeza, não achou outro meio de salvagão da patria senão largar fogo a tudo, expondo por este modo as tropas francezas a todos os horrores do inverno na Russia, sem abrigo ou provisões de casta alguma. Este acto desesperado produziu o desejado effeito; a nação manteve a sua independencia; e o exercito do conquistador se poz acceleradamente em retirada, perecendo milhares de soldados de frio e fome: e Moscow tornou a erguer-se das ruinas com a afluencia dos antigos e de novos habitantes. Assim como o sacrificio foi rapido e violento, os esforços empregados na reedificação foram

promptos e energicos. Se esta nobre cidade em todos os tempos causou assombro pela sua vastidão e magnificencia, presentemente inspira veneração, talvez superior aos sentimentos que d'antes infundiam as reliquias de sua antiguidade. Moscow resurgiu do meio das cinzas; porque o trabalho e o zelo bem dirigidos em toda a parte executam maravilhas. Renovaram-se pela maior parte os antigos edificios, e pouca mudança se fez na disposição geral da cidade: os curiosos encontrarão na obra ingleza do capitão Cochrane uma comparação miuda do estado de Moscow antes da espantosa conflagração de 1812, e depois de reedificada como permanece. Este viajante observa que a população cresce rapidamente; e seguindo uma opinião contraria á mais geral afirma que a posição de Moscow é mais vantajosa para capital do imperio russo do que S. Petersburg, — “porque [diz elle] é uma especie de ponto central relativamente aos mares, Caspio, Baltico, e Branco, bem como a respeito das partes internas da Moscovia, sem que esqueçam as remotas regiões da Siberia, com as quaes se poderá estabelecer uma excellente comunicação interior por meio de canaes e barcos de vapor. Os dois rios, Moskwa e Yauza fortificam esta asserção; correm por dentro e á roda da cidade, e podem aproveitar-se com optimas consequencias.” —

Em cinco grandes circulos ou bairros se divide Moscow, cada um delles notavel por seus edificios publicos. O primeiro é o celebrado Kremlin, ou fortaleza, que é o coração da cidade, situado n'uma eminencia, e que encerra o antigo paço dos imperadores, o arsenal, a casa do senado, a residencia do patriarcha do culto grego, que é a religião do estado, e alem disso numerosas igrejas e palacios. No Kremlin estava aquelle enormissimo sino, tão fallado no mundo, e chamado pelos russianos *o rei dos sinos*: este povo tem uma devoção e enthusiasmo mui grande por estes instrumentos religiosos. Os habitantes de Moscow por bastante tempo soffreram o desgosto de não poderem ouvir os sons do *rei dos sinos*; mas agora estão indemnizados com o *sino novo*, mandado fundir pelo imperador Alexandre, e collocado na cathedral em 1819: tem este 20 pés d'altura e 18 de diametro, e pesa 133:000 libras: quando toca retumbam em toda a Moscow os seus sons graves e cheios, como os de um orgão, e que, se não fosse a sua regularidade monotona, semelhariam os rebombos de trovões distantes. É todo lavrado de relevos allusivos a personagens do Evangelho, ou á familia imperial. Quando o trasladaram da fundição para a cathedral concorreu todo o povo disputando a obra meritoria e grandissima honra de trabalhar na conducção, até foi preciso deitar abaixo um lanço de muralha para lhe abrir passagem. A falta d'uma monstruosidade destas reputariam os de Moscow grande calamidade. Não é possivel faze-lo dobrar, e só toca em dias de grande festa, sendo precisas muitas pessoas para isso, servindo-se de cabos bem fortes.

O segundo districto ou bairro de Moscow é principalmente occupado com bazares, e lojas, mas comprehende tambem alguns edificios religiosos, e a imprensa do sacro Synodo. — No terceiro estão, a universidade, o banco, o correio, a casa da moeda, a fundição, varios hospitaes, e, segundo o Dr. Henderson, a casa da sociedade biblica, doação do imperador em 1817, situada n'uma das ruas principaes que vão dar ao Kremlin. — O quarto circulo encerra tão sómente mais de sessenta templos, afora os conventos, os cimiterios publicos, e varios palacios: ao passo que a quinta divisão, chamada

Slobadi, ou arrabaldes, é occupada por abarracamentos, hospitaes, e mosteiros; e é a porção da cidade habitada por tartaros, alemães e outros estrangeiros estabelecidos. Toda esta vasta superficie, assim dividida em porções distinctas, é cercada com uma muralha de taipa, que tem serventia por 14 portas: antigamente cada um dos cinco bairros tinha fortificações proprias, mas estes muros separados se tem arruinado ha muitos annos, e é muito provavel que as tres divisões em breve formem uma só, deixando que o Kremlin, na sua solitaria altura e fortaleza, conserve ainda os vestigios dos tempos primitivos do imperio.

A vista de Moscow que antepomos a este artigo é copiada das *Viagens do Dr. Lyall* em 1825.

PRISÕES NOS ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA DO NORTE: SISTEMA PENITENCIARIO.

As reflexões que abaixo transcrevemos são extrahidas da obra de um viajante inglez, que visitou a America do norte de proposito para examinar o sistema das prisões, e compara-lo com o de Inglaterra. Depois de descrever o territorio dos Estados-unidos, entra em materia, e diz o seguinte: —

Tendo ouvido fallar muito sobre o sistema penitenciario das prisões na America do Norte, determinei indagar pessoalmente se este sistema offerece na realidade as vantagens inculcadas, e para isso dirigi-me á prisão de Sing-Sing, situada na margem esquerda do Hudson a dez leguas de Nova-York. Approximando-me da casa de detenção vi primeiramente duzentos presos occupados em trabalhar; uns transportavam peças de madeira, outros cortavam pedra em uma pedreira, outros occupavam-se em accarretar materiaes para a construcção da prisão: e todos elles eram vigiados somente por duas sentinellas, que passeavam socegradamente no terreno em que os presos trabalhavam: o capitão Linds, superintendente desta prisão de Sing-Sing, para o qual eu tinha cartas de recommendação, veio ter comigo quando me avistou ao descer a collina, e se offereceu a mostrar-me todas as obras, e os regulamentos da prisão. A primeira cousa que me admirou, foi o silencio profundo com que cada um desempenhava a tarefa que lhe incumbia: a auctoridade mostrava-se aqui tão tranquillã, tão firme e tão segura de si que apesar de não ter consigo arma alguma offensiva, ou defensiva, eu andava tranquillo no meio dos malfeitos que me rodeavam por toda a parte: passei com elles muitas horas, e durante estas não ouvi uma só palavra, nem mesmo um lançar de olhos de uns para outros presos: com effeito, o silencio é a base e o principio vital do sistema penitenciario, a este silencio se juncta um trabalho continuo de muitas horas, uma reclusão absoluta no resto do dia e da noite. Tal é este sistema, sobre o qual farei algumas observações: os principios em que assenta são muito simples e facéis de explicar, mas no começo foi preciso grande constancia para os fazer adoptar. A prisão compõe-se de um corredor comprido, e estreito, aquecido por estufas, alumiado á noite por lampiões, e guarnecido de cellas ou quartos, um para cada preso: estes quartos tem sete pés de comprido, quatro de largo, e oito de alto; são construidos de pedra de cantaria; cada um tem uma porta de ferro com muitos buracos que dão passagem á luz e ao calor necessarios. A ventilação é feita por uma especie de respiradouro de tres pollegadas de diametro que está na parte superior de cada quarto, e chega até ao forro do edificio; duas vezes por an-

no a prisão é toda caiada: quando estiver acabada poderá conter 800 quartos, ametade dos quaes farão face para o rio Hudson. Logo que os presos são fechados á noite, põe-se uma guarda na galeria que separa as cellas ou quartos, e deste modo pôde ouvir-se a mais leve tentativa de communicação que os presos queiram fazer. Nunca em minha vida vi cousa tão solemne como o socego que, até na maior força do dia, reina nesta prisão habitada por tantos centos de sclerizados. Á noite este silencio é sepulchral e horrivel, e causa uma impressão tão penosa, que não é de admirar dizerem os presos que esta pena do silencio é a mais rigorosa e difficil de suportar. Ao romper do dia os presos acordam ao toque do sino, mas antes de entrar no trabalho ouvem uma oração do capellão que da galeria a recita com tom de voz que se ouve em todo o corredor: feito isto os guardas abrem as cellas, os presos saem, mettem em fileira ao longo do corredor, e formam muitas divisões commandadas por diferentes guardas: assim caminham para o pateo onde fazem alto para lavar as mãos e a cara, e para depositarem os cantaros vazios que trazem: estes cantaros são tomados por uma certa classe de presos empregada no serviço e limpeza da casa; uns são encarregados da cosinha, outros de lavar a roupa, &c., &c. A divisão principal dos presos dirige-se ao sitio onde se corta a pedra, e se bate o ferro, os outros vão para as officinas de alfaiates, sapateiros, cordoeiros, &c. &c. Cada officina está debaixo da vigilancia de um guarda, de character conhecido e experimentado: este guarda é o encarregado de ensinar aos presos os deveres da sua officina, e de lhes fazer observar o mais rigoroso silencio. Cada guarda governa trinta presos, que todos estão postos em linha e com a cara voltada para o mesmo logar; em cada officina ha um pequeno corredor escuro com buracos pequenos e invisiveis, pelos quaes o chefe do estabelecimento pôde vigiar quando lhe aprouver, e sem ser esperado nem presentido, não só dos presos mas tambem dos guardas: esta vigilancia invisivel tem produzido excellentes resultados. As oito horas da manhã o sino torna a tocar: a este signal os presos deixam o trabalho, e desfilam debaixo de fórma para a prisão: chegando ao corredor das suas habitações param, e por alguns momentos ficam immoveis: a um signal dado entra cada um no seu quarto, e almoça solitariamente. Em Auburn, onde se fez o primeiro ensaio do sistema penitenciario, os presos comiam ao principio em commum, mas a experiencia mostrou que esta tolerancia dava logar a abusos, e por isso se introduziu o costume contrario: o almoço dura vinte minutos; no fim delles os presos voltam ás suas officinas. Ao meio dia largam outra vez para virem ás cellas jantar, tão solitariamente como ao almoço; depois tornam ao trabalho até a noite: quando o sino dá o signal de deixar o trabalho, vem todos ao pateo, como de manhã, alli lavam as mãos e a cara, vai tomar cada um o seu cantaro, que está cheio de agua, e se dirigem aos seus quartos, onde acham já a cea, a qual é composta de uma especie de pudim, feito com farinha de milho e melago: esta dieta é um dos mais efficazes meios para a emenda dos presos; corrige-lhes a acrimonia do sangue, e dispõe a alma para o arrependimento. Logo depois da cea o capellão faz a sua oração, e ás vezes lê um capitulo da Biblia; assim que acaba toca o sino pela ultima vez naquella dia, os presos despem-se, deitam-se, e podem entregar-se ao somno. A escolha do capellão para o estabelecimento é feita com todo o esmero, porque do capellão depende em grande parte a applicação e

execução do sistema penitenciário. Nas prisões onde está adoptado o methodo de Auburn, o trabalho dos presos é quasi sufficiente para as despesas da prisão: a este respeito ha grande differença entre a Inglaterra e a America, e esta differença é resultado da superioridade do regimen disciplinar americano, e tambem de uma comida mais substancial e abundante na America; aqui, pela maior parte, os presos tem um arratel de carne por dia, quando em Inglaterra só tem um por semana. Logo que um preso chega á prisão, qualquer que tenha sido o seu modo do vida anterior, é obrigado a aprender um officio; assim pouco e pouco se costuma a habitos de ordem e regularidade: em cada uma das cellas ha uma Biblia, e é a unica leitura que lhes é permittida; e então é de esperar que nas longas horas da sua reclusão solitaria, por muito endurecidos que sejam, a final tenham curiosidade de a abrir, e pouco e pouco tenham o gosto de a ler. “*Tenho vontade de saber quantas qualidades de mentiras contém esta cousa chamada Biblia.*” Dizia um dos maiores scelerados da America ao capellão da sua prisão: talvez que a maior parte dos presos ao principio pensem da mesma maneira; poderão dizer más palavras ao capellão, dormir em quanto este faz a sua oração, escarnecer della, recusar até a visita de officio que o capellão faz aos presos todos os domingos, mas com o tempo tudo muda, porque a conversa do capellão é a unica que o preso póde ouvir: só póde ter relações com o mundo por meio do capellão, e então forçosamente ha-de desejar estas conversas, e a final ha-de tirar proveito dellas. Muitos presos ha que não sabem ler, e portanto estão privados da consolação da leitura religiosa; para remediar este mal estabeleceu-se no anno de 1826 uma escola em Auburn, a que foram admittidos 50 presos, cuja idade não passava de 26 annos, e como se viu que aproveitavam, o numero subiu a 125. Os presos, divididos por classes, são ensinados por clerigos do seminario de Auburn, que para isso se offereceram. O relatorio publicado no anno de 1828 mostra que a quarta parte dos presos aproveitava muito. Nas minhas frequentes visitas á prisão de Sing-Sing fiquei convencido de que se poderiam alcançar immensos resultados de um sistema de recompensas que se applicasse aos presos. O sistema penitenciário admittre castigos corporaes, e mesmo os julga necessarios para o regimen das prisões: porque razão assim como se castiga a desobediencia e o mau procedimento, não serão premiadas a obediencia e a submissão? Eu desejaria que um preso fosse premiado no caso de proceder bem; por exemplo, em um dia de abbreviação do seu tempo de prisão no caso de se portar bem uma semana, e assim em diante progressivamente. Assim se conseguia o grande fim do sistema penitenciário — a volta do culpado ao seio da sociedade, melhor e mais morigerado.

Tal é o extracto do opusculo que offerecemos aos nossos leitores: ommittimos muitas cousas importantes; porém se alguem quizer profundar este sistema admiravel póde, e deve consultar os relatorios da Sociedade de disciplina de Boston, onde achará documentos de precioso interesse (*).

X. d'A.

FUNDAÇÃO DAS PRIMEIRAS COLONIAS DO RIO DA PRATA.

1.º

CONTA-SE que o infeliz João de Solis, piloto-mór de

Castella, intentára em 1516 continuar os descobrimentos que se fizeram no Brasil em 1500: para este fim entrou no porto do Rio de Janeiro, proseguiu depois viagem ao longo da costa, e só parou á entrada d'uma bahia onde desembocava um caudaloso rio. Enganado pelos modos hospitaleiros com que os indigenas brasilienses acolhiam os navegantes, embarcou-se na lancha e subio pelo Paraguay, em cujas margens havia grande numero de selvagens que parecia darem mostras de o convidar a desembarcar, supposto que não fossem entendidos seus ademanes e signaes. Deliberou-se Solis, sem temor, nem precaução, e sem reparar que os naturaes recuavam á medida que elle caminhava, a embrenhar-se por uma floresta, e logo um chuva de frechas o derribou e a seus miseros companheiros, que foram assados e comidos, á vista da gente da equipagem que ficára na lancha.

Affirmam Herrera e outros escriptores que, depois desta fatal expedição, um certo Garcia, piloto portuguez ao serviço d'Hespanha, saíu da Corunha a 15 de Janeiro de 1526, e no anno seguinte arribou a diversas paragens antes d'entrar no porto de Sancta Catharina, conhecido então pelo nome de *porto dos patos*. Neste sitio encontrou Sebastião Gaboto, a quem a côrte d'Hespanha ordenára que fosse ás Indias Occidentaes pelo estreito de Magalhães, mas que se demorava, por cobiça de lucros, n'um paiz de cuja riqueza tantas patranhas se contavam naquelle tempo. A principio não tractaram de se unirem os dois navegantes. Gaboto, deixando na ilha de Sancta Catharina os homens da expedição que se oppunham a seus designios, levou consigo quatro indigenas, e foi ancorar proximo ao Rio da Prata, onde se lhe juntou Francisco Puerto, o unico que escapou ao furor dos selvagens na catastrophe de Solis. O nosso aventureiro mandou o navio de maior porte explorar o rio Uruguay e começou a navegar com outros dois que lhe ficavam pelo braço mais austral do Paraná, progrediu até os 32º, 25', 12" de latitude, construiu um forte com a invocação de = *Espirito Sancto* =, e fabricou um bergantim. Tanto que recebeu varios objectos que deixara á beira-mar e que lhe eram indispensaveis, escolheu sessenta homens para ficarem no forte, e depois d'alguns incidentes entrou no Paraguay com a galeota e o bergantim. Metade da tripulação deste ultimo teve a mais deploravel sorte. Chegados ao *rio vermelho*, quinze homens acreditaram os indigenas, que lhes inculcaram ter em suas choças immensa porção de metaes preciosos, e seguindo-os indiscretamente para fazerem alborques, foram todos barbaramente assassinados. Este successo consternou os da expedição; e ao mesmo tempo soube-se que appareciam muitos navios á foz do Paraguay, resolveu portanto Gaboto retrogradar; pouco porém tinha andado quando encontrou Garcia, que se fizera reconhecer commandante do forte do Espirito Sancto, sob pretexto de que fôra o especialmente encarregado da exploração do Paraguay, ao mesmo tempo que o fundador não desempenhava a sua verdadeira missão. Á primeira vista os dois rivaes alardearam iguaes direitos ao descobrimento, mas por fim reuniram e combinaram os seus trabalhos, preferindo o construir bergantins no forte á continuação da viagem. Não durou muito esta boa intelligencia, e Garcia, cujo partido era mais fraco, decidiu-se a partir para Hespanha.

Gaboto deu-se pressa em expedir uma caravella com dois commissarios, que apresentassem ao monarcha hespanhol as barras d'ouro e prata, que comprára aos naturaes do paiz a troco de quincallierias. Desde então o Paraguay deixou o nome de rio de Solis, que o

(*) Sabemos que a obra de Mr. Lucas sobre o sistema penitenciário está vertida em portuguez.

primeiro descobridor lhe impozer, para tomar o de Rio de la Plata, pelo qual é mais geralmente conhecido, não obstante haver certeza, depois de numerosas averiguações, de que em suas margens não se encontram metaes preciosos. As noticias de Gaboto seduziram elrei de Hespanha que lhe mandou continuar as explorações, mas o thesouro estava tão esgotado que se viram na necessidade de acceitar a proposta de um tal Pedro de Mendoza, cavalleiro rico de Cadix, que offereceu fazer a conquista á sua custa. Sebastião Gaboto, provavelmente cansado de viajar sem recolher fructo de tantas fadigas, embarcou para Hespanha, onde chegou em 1530, deixando o commando do forte com 110 homens a Nuno de Lara, que fez toda a diligencia por conservar a paz com os selvagens caracará e tymbús, conseguindo viver bem com elles até 1532.

Nesta epocha porém ateou-se a guerra em virtude d'uma aventura tragica, que referem varios historiadores. Mangoré, caudilho dos tymbús, enamorou-se d'uma hespanhola, chamada Luzia de Miranda, mulher d'um Sebastião Furtado: conhecendo que eram baldados os seus desvelos e costumado á soltura das paixões, resolveu usar de violencia, por horrivel que fosse. N'um dia que o commandante do forte saíra no bergantim com alguns soldados a comprar viveres aos habitantes das ilhas do rio, o perfido Mangoré, aproveitando a occasião, escondeu os seus guerreiros por detraz d'arvoredos, e ao anoitecer appresentou-se ás portas do estabelecimento hespanhol, que lhe abriram como de costume com extrema confiança; no mesmo instante fez um signal e o forte foi investido por todos os lados, os hespanhoes morreram defendendo-se, e o proprio Mangoré pereceu na refrega, sem nem sequer pôr a vista no objecto de seus violentos amores. Os selvagens eram tão numerosos que impossivel fôra não saírem vencedores, e quando os do bergantim chegaram só encontraram os despojos mortaes dos seus companheiros. Sebastião Furtado no auge da desesperação procurou debalde o cadaver da sua querida Luzia, movido por ternissimo amor e sem temer perigos animou-se a ir pedir sua esposa aos roubadores; mas o irmão de Mangoré tinha herdado a paixão deste. O barbaro ainda era de mais requintada ferocidade que o irmão defuncto; cansado da nobre resistencia da victima a mandou queimar n'uma fogueira e condemnou a morrer ás fréchadas o esposo que a reclamava, fazendo assim dois martyres da ternura e dever conjugal.

O commandante do bergantim não quiz permanecer n'um sitio tão fatal aos seus compatriotas, e foi estabelecer-se na ilha de Sancta Catharina (*).

Dois annos depois da horrivel catastrophe que contámos, Pedro de Mendoza partiu do porto de Sevilha, levando 14 navios, 2:500 hespanhoes, 150 alemães e flamengos, ou saxonios, e 72 cavallos. Foi esta expedição o verdadeiro principio da colonia. Mendoza, depois de arribar ao Rio de Janeiro, onde mandou assassinar o segundo commandante, a quem a principio tinha concedido grandes poderes, seguiu viagem até a colonia do Sacramento, conhecida outrora pelo nome de ilha de S. Gabriel; e depois de ter reconhecido a costa meridional fronteira, foi lançar os fundamentos da cidade de Buenos-Ayres a 2 de Fevereiro de 1535, intendendo travar amizade com os indigenas visinhos,

que pertenciam ás nações dos guaranis e dos pampas, e que, tendo mostrado no começo apparencias pacificas, a final atacaram a cidade para destruir os habitantes e as fortificações. Occorreu por este tempo um successo capaz de desanimar os homens mais emprehendedores. "Para castigar os selvagens [diz D. Felix d'Azara] mandou o commandante contra elles doze cavalleiros e 130 infantes ás ordens de seu irmão D. Diogo. Ao segundo dia de marcha chegaram ao valle d'Escobar, e vendo na frente os inimigos os atacaram, mas apenas tinham dado alguns passos os cavallos se encravaram n'um atoleiro até os peitos e ficaram como immoveis; os selvagens com suas bolas, dardos, e fréchas mataram cavalleiros, entre elles o commandante, e vinte da infantaria: houve tambem muitas mortes da parte dos indios. Os hespanhoes porém não retrocederam para a cidade sem construir um fortim, que ainda hoje se distingue fronteiro e proximo da capella *del Pilar*, no qual deixaram guarnição."

Como succedeu a todos os estabelecimentos, que na America se formaram com pouca gente, esta nova colonia padeceu muito. Logo ao principio as doenças affligiram os habitantes, e chegou a tal apuro a escacez dos mantimentos, que se viram na necessidade de enviar a demanda-los um navio ás ilhas do Paraná, outro ás costas do Brasil; porem este soccorro foi tão inefficaz, que sendo a cidade assaltada pelos guaranis achou-se tão abastecida de viveres como d'antes. Entretanto João d'Ayolas, que subira pelo rio com muitas embarcações, appareceu novamente depois de ter fundado o forte de Corpus-Christi, cinco leguas acima do Caronda, onde deixára cem homens de guarda a elle. Toda a colonia quiz mudar-se para o novo estabelecimento, mas as doenças continuaram a cercear o numero dos colonos, de fórma que muitos preferiram sair a viver com os selvagens. Pedro de Mendoza, flagellado pelo mesmo mal, legando o governo a João d'Ayolas, embarcou para Hespanha; morreu porem no mar, sem chegar a concluir os seus projectos.

O novo governador, ignorante desta decisão, tendo subido pelo Paraná, conciliou pelo bom tractamento a affeição dos indios; continuando porem a navegação não foi tão feliz, e para alcançar mantimentos viu-se obrigado a dar uma batalha em que ficou vencedor, e lhe deram refens pelo futuro procedimento. Parece que desta epocha se deve contar a fundação da cidade da Assumpção. Pouco distante do campo da peleja, Ayolas levantou uma casa forte em que poz guarnição, subiu até 21^o 5' de latit., e desembarcou para se embrenhar pelo sertão com duzentos hespanhoes, dirigindo-se para noroeste, deixando porem alguns navios ás ordens d'um official chamado Martinez de Irala.

(Continuar-se-ha).

A MODERAÇÃO.

É a moderação uma virtude excellente, e muito importante, e nella consiste o grande segredo de bem governar. Estar sempre enfadado é o meio seguro de perder toda a auctoridade e respeito. As pessoas que menos ostentam são as mais respeitadas: e os que estão continuamente dando ordens para mostrar superioridade, e inculcar obediencia, são quasi sempre menos-prezados, e tidos em conta de impostores e presumidos.

Nem sómente neste particular é recommendavel a moderação, e causadora de bons effeitos: pela moderação devemos regular nossas acções. O homem

(*) Contam alguns historiadores que este commandante, por nome Mosquera, guerreára com prospero successo os portuguezes naquellas partes; este erro porem está refutado nas *Memoorias para a historia da Capitania de S. Vicente* escriptas por Fr. Gaspar da Madre de Deus, e publicadas pela Academia R. das Sciencias.

que se embriaga falta á moderação para satisfazer o paladar, e o homem cruel para saciar a vingança no sangue dos inimigos. O prodigo erra contra a moderação pelo abuso da riqueza, e o libertino pelo abuso dos prazeres.

Se em todas as cousas pudessemos sempre guardar o termo médio entre os extremos, ou o que vale o mesmo, se pudessemos em tudo ser moderados, seríamos sempre bons, e as mais das vezes felizes; pois que os nossos vícios são excessos de alguma paixão desordenada, e quasi todas as miserias da vida humana são justas, e inevitáveis consequências do vicio. Se Nero tivesse moderado as suas paixões e desejos viveria feliz, e morreria em paz; e hoje pronunciaríamos o seu nome com a veneração devida a um homem bom, e grande imperador; e não andariam em proverbio os seus vícios e affeminção como homem particular, e a sua injustiça e crueldade como imperante. Se reflectirmos devidamente sobre todas as circumstancias da nossa vida, veremos por toda a parte demonstrada esta verdade: — que para sermos felizes cumpre sermos bons, e que não podemos ser bons não sendo moderados.

Catão e Tasso deram nobre exemplo de moderação. Catão, estando no banho publico, levou por acaso uma bofetada de um homem que o não conhecia, pois ninguem, conhecendo-o, ousaria offendê-lo por palavras, e ainda menos por acções. O homem, sabendo a quem tinha insultado, começou a desfazer-se em satisfações. Catão, interrompendo-o, disse-lhe: = Não me recordo que me tocassem. = Esquecimento este verdadeiramente nobre!

Ao poeta italiano disseram em certa occasião que se lhe offerecia a oportunidade de vingar-se de um fidalgo, que sem provocação alguma o tinha gravemente injuriado. A resposta de Tasso foi propria de um homem illustre; — Não é a fortuna, nem a honra, nem a vida que eu desejaria tirar a esse malevolo, mas tão sómente a sua malevolencia.

Os pintores representam a moderação sob a figura de uma mulher de olhar mavioso, simples mas decentemente vestida de branco, na attitude de caminhar entre um leão e um cordeiro, tendo o primeiro seguro por uma cadêa forte, e o segundo por um cordão singelo. A serenidade do semblante, e a simplicidade do traje denota socego, contentamento e frugalidade. A acção de segurar o leão e o cordeiro é allusiva ao grande poder da moderação, que refrea as paixões desordenadas, e conserva o meio termo, que devemos sempre guardar na fruição dos bens que a Providencia se dignou benignamente prodigalisar-nos.

JURAMENTO DEFERIDO SOBRE UM CANCEIRO.

Os LIVROS, assim como os homens, correm seus fados, mui diversos ás vezes de seus primeiros destinos. Quantos vão acabar ás mãos dos mécheiros, ao passo que os seus auctores se lisongeavam de que iriam figurar muito estimados nas estantes de ricas bibliothecas! — Com o nosso canceiro de Resende succedeu um facto, bem que não fosse ignominioso, bastante singular. Tinha o embaixador, João Corrêa, concluido um tractado com o rei do Pegú, e a bordo do navio em que viera não havia uma biblia; apenas se poderam encontrar umas *horas-canonicas*, já muito velhas e ensebadas. Como o embaixador recebeu que os gentios julgassem mal do nosso culto e religião, no acto de reciproco juramento do tractado, vendo que era deferido, da parte dos christãos, sobre um livro tão mesquinho, lem-

brou-se de um canceiro, então recém-publicado, que trazia, volume que, pela fórma e bella apparencia externa, era muito mais respeitavel; determinou portanto servir-se delle neste apuro. — Tendo lido o sacerdote pagão em voz alta uma passagem do codigo da sua lei, fez João Corrêa outro tanto, e com tão feliz successo que abriu no logar onde estava citado o texto de Salomão: *Vanitas vanitatum! Et omnia vanitas! : vaidade das vaidades! E tudo vaidade!* Asseverou depois o mesmo embaixador que este acaso lhe suscitára um profundo sentimento religioso, e que jurára com tanta devoção, e considerava o seu juramento tão valioso, como se o tivera feito sobre os santos Evangelhos.

Dizem que o exemplar do canceiro, celebre por esta anecdota, se conservava no hospicio denominado da Terra Sancta, nesta cidade.

ROBERTO DO DIABO.

A OPERA de Meyer-beer, que tanto ruído fez em Lisboa ha pouco tempo, e que nos consta subirá de novo á scena no proximo inverno, intitulada *Roberto do Diabo*, é fundada em uma das mil novellas e tradições populares que ácerca deste celebre cavalleiro se tem imaginado pela Europa. Parece-nos, por isso, que não será desagradavel aos nossos leitores o apresentar-lhes aqui o que ha mais exacto e positivo na vida desse homem extraordinario.

Roberto, filho segundo de Ricardo, o bom, duque de Normandia, foi feito conde de Hience por seu pae, quando tirou este condado a um seu irmão, e tio de Roberto, que contra elle se alevantára. Por morte de Ricardo 2.^o [o bom] succedeu-lhe [1026] Ricardo 3.^o, seu filho mais velho, o qual morreu no anno seguinte, envenenado, conforme alguns querem, por seu irmão Roberto, que com elle tivera desavenças. Este herdou então a coroa ducal de Normandia [1027] e foi desde então que começou a sua celebridade.

Logo que começou a governar, Roberto mereceu pelo seu character generoso o apelido de *magnifico*, e pelo modo de guerrear o de *diabolico* ou *do diabo*. Tinha por maxima que em guerras se devia levar tudo a ferro e fogo, ou então não as declarar. A primeira que teve foi com seu tio Roberto, arcebispo de Ruão, que obrigou, em 1028, a retirar-se para França, depois de lhe tomar a cidade d'Evreux, cujo conde era. Apoz esta guerra teve outra com o bispo de Bayeux, a quem ajudavam os condes de Perche e d'Alençon. O duque obrigou estes rebeldes a virem pedir-lhe perdão. No anno de 1030, depois de practicar inauditas façanhas, restituiu ao throno Balduino 4.^o, conde de Flandres, a quem o proprio filho desapossára delle. Não foi menos util, no anno seguinte, ao novo rei de França, Henrique 1.^o, que a rainha Constancia, sua mãe, queria derrubar do throno, aonde acabava de subir, para elevar em logar delle um irmão menor, chamado Roberto, que era mais docil aos seus conselhos. A conjuração formada contra Henrique era tão violenta, que se viu obrigado a fugir, acompanhado unicamente por doze pessoas, para Normandia, onde mandou pedir soccorro ao duque Roberto, seu verdadeiro amigo. Recebeu-o o duque em Fécamp; e depois de o haver abastecido de armas e cavallos, enviou-o a seu tio Mauger, conde de Corbeil, a quem encarregou de entrar com mão armada nos estados dos inimigos do monarcha, e de metter tudo a ferro e fogo. Escreveu ao mesmo tempo aos governadores das praças fortificadas de Norman-

dia, visinhas a França, ordenando-lhes fizessem correrias até as portas das cidades sublevadas, talassem os campos, e roubassem tudo o que podessem haver ás mãos. Henrique, com este soccorro, e com o que lhe deram os seus vassallos leaes, fez tão brilhantes e rapidos progressos, que a rainha se viu constringida a pedir a paz. Henrique, para pagar os serviços que lhe fizera o duque de Normandia, cedeu-lhe Chaumont, Pontoise, e todo o Vexin francez, o que depois deu azo a odios e guerras. Roberto, no mesmo ou no seguinte anno, marchou contra Alano, conde de Bretanha, que recusava reconhecer-lhe vassalagem. Os victoriosos successos das suas armas obrigaram o conde, na segunda campanha, a tomar a resolução de submeter-se.

Não foi elrei de França o unico monarcha perseguido, que Roberto tomou a peito defender. No anno de 1034 embarcou-se em uma poderosa armada para restituir ao throno d'Inglaterra seus primos Alfredo e Eduardo, expulsos pelo rei Canuto. Uma tempestade dispersou a armada, e a obrigou a buscar colheita na ilha de Jersey. Canuto, apesar deste contratempo dos Normandos, não deixou de tratar pazes com Roberto, e lhe mandou offerecer metade d'Inglaterra a troco dos dois principes que protegia. Uma vida passada no meio do estrondo das armas, e nas dissoluções que d'ahi nascem causou remorsos a Roberto do Diabo quando chegou á idade grave. Para expiar os seus crimes não achou meio mais certo que o de ir em romaria a Jerusalem. Era esta a devoção da moda. Começou a jornada em 1035, e fe-la em grande parte a pé e descalço. Tendo seguido o caminho d'Italia, deu entrada em Roma com grande magnificencia. Contam as chronicas antigas que antes de chegar a esta cidade mandára pregar ferraduras de ouro na sua mula, prohibindo aos da sua comitiva de as apanharem no caso de cairem, o que assim aconteceu, dizem os chronistas. Deu-lhe o papa a cruz, segundo João Bronton, e cartas de recommendação para o imperador de Constantinopola. Chegados ahi, e admittidos á audiencia deste principe, Roberto e os seus, não achando cousa em que se podessem assentar, depois de o haverem saudado com grande acatamento, tiraram os mantos, e assentaram-se em cima. Quando se retiraram, recusaram leva-los, dizendo ao camarista, o qual queria restituir-lhos, que não era costume dos normandos levarem consigo as cadeiras em que se assentavam. Foi em Constantinopola que o duque encontrou Foulques Nerra, conde de Anjou, que iam á mesma romaria. Continuaram ambos o seu caminho, guiados por mercadores de Antiochia, que para isso se lhes haviam offerecido. No fim de alguns dias de jornada, Roberto cheio de cansaço viu-se obrigado a ir em uma especie de palanquim ás costas de quatro mouros pretos. Um peregrino normando que o encontrou deste modo, perguntou-lhe se queria que dissesse alguma cousa em Normandia. — *Dize*, respondeu o duque, *que me viste levar ao paraíso por quatro diabos*. Voltando da Palestina os seus inimigos lhe armaram tantos laços, que por fim o fizeram morrer envenenado, em Nicèa na Bithynia, onde jaz sepultado.

GUARDA REAL PORTUGUEZA.

ALGUNS dos nossos reis não usaram de guarda, quando caminhavam pela cidade. D. João 2.^o porém a trazia, acompanhando-o o capitão dos ginetes com uma tropa de cavalleiros, assim denominados: elrei D. Manuel que tambem usou della fixou o numero em

200. D. João 3.^o porém saía fóra muitas vezes só com dois porteiros da cana adiante, donde veio o dizer Sá de Miranda, epist. 1.^a

Que se póde ir mais avante
Com quanto alcança o sentido,
Sem ferro, ou fogo, que espante,
Com duas canas diante
His amado, e his temido.

Antigamente o sequito com que saíam era de ordinario o seguinte. Precediam a comitiva os porteiros da cana e os reis d'armas, descubertos e a cavallo: apoz estes vinham tambem descubertos os moços da estribeira, e logo o estribeiro-mór, porém cuberto. Dahi a algum espaço a pessoa d'elrei e atraz sem ordem e cubertos os fidalgos da casa: só algum infante ou senhor de primeira grandeza ia mais proximo d'elrei, conforme o gráu de parentesco. Em dias solemnes iam diante d'elrei os trombetas e timbales. D. Manuel gostava muito de andarilhos que fossem correndo adiante.

Elrei D. Sebastião creou uma guarda de alabardeiros de pé, mas todos portuguezes; e foi seu capitão o camareiro-mór que fóra do cardeal-rei, Francisco de Sá, conde de Mattozinhos. Apossando-se destes reinos Philippe, o prudente, de Castella, poz por governador delles o archiduque Alberto, a quem deixou guarda d'alabardeiros tudescos, que continuou com os seguintes vice-reis, durante o intruso dominio. Restaurado Portugal, D. João 4.^o estabeleceu duas companhias, uma de alemães e outra de portuguezes. Com o andar do tempo teve a guarda real nova organização; e é hoje composta de portuguezes, como de direito, e com a fórma que todos sabem.

Vem a proposito mencionar que a antiga libré da Serenissima Casa de Bragança era de panno silvado de verde e branco, guarnecida de galões de prata; e que a mudou elrei D. João 5.^o, por occasião da sua jornada ao Caya, quando em 19 de Janeiro 1729 se celebraram os desposorios de sua filha a princesa D. Maria Barbara, com o principe das Asturias, D. Fernando, e de seu filho, depois elrei D. José, com D. Marianna Victoria, filha de D. Philippe 5.^o de Hespanha; ordenando então que para a Casa Real, as da rainha e dos principes do Brasil, se adoptasse a côr, de que os antigos reis usaram, que era encarnado e azul com os galões de prata, e que as fardas dos archeiros fossem da mesma côr, porém com differença de serem os galões amarellos.

DOENÇAS PROPRIAS DOS COMPOSITORES D'OBRAS TYPOGRAPHICAS, E MEIOS DE AS PREVENIR OU REMEDIAR.

A PRIMEIRA idéa que occorre a quem visita as typographias, e observa o trabalho dos compositores, é a da longa, constante, e penosa applicação da vista exigida pelo exercicio desta profissão, e que dá causa a affecções ophtalmicas, e algumas vezes á cegueira; o habito de ter os olhos fitos constantemente nos typos ou caracteres pretos estimula os olhos, e póde ser origem lenta e chronica que altere e perturbe as funcções daquelle orgão. Para prevenir esta desgraça recommenda-se o uso dos oculos; porém parece-nos que este meio só será bom quando a vista começa a enfraquecer-se; e achámos preferivel, como meio preventivo, o de pintar de verde os repartimentos das caixas em que estão os typos: a côr verde é mais agradável aos olhos que a preta: tambem será muito bom pintar de verde as paredes das salas onde os compositores trabalham.

No caso que experimentem alguma fraqueza nos olhos, sem outro incommodo ou doença, bastará para remedio as mais das vezes banhar os olhos no fim do trabalho com agua fresca misturada com algumas gotas de agua-ardente. O Dictionario de Sciencias Medicas menciona muitas molestias a que em outro tempo estavam sujeitos os compositores e impressores; porém hoje, principalmente para os ultimos, em resultado da perfeição immensa introduzida nos processos mecanicos, o trabalho typographico é muito menor e mais raras as doenças, e muito menos o serão se os impressores se absterem de bebidas espirituosas, e de uma vida licenciosa. Duas molestias ha porém que os compositores nem sempre poderão evitar; a primeira uma inchação nos pés, e nos tornozellos, em consequencia da necessidade em que estam de trabalhar muitas vezes de pé: a segunda é causada pelo metal combinado com antimónio, que constantemente trahem nas mãos: este chumbo produz máus effeitos na economia animal, é origem de colicas dolorosas, e ás vezes paralisa as extremidades do corpo. O modo de evitar a primeira molestia [a inchação das pernas] é usar de polainas de couro bem apertadas com cordões ou correias fortes. Para prevenir a segunda molestia [a das colicas] é muito util que os officiaes se abstenham de levar á boca os caracteres ou typos, e adquiram o habito de lavar muito bem as mãos antes de comer, sempre que larguem o trabalho. Tambem será muito proveitoso o esfregar á noite e pela manhã as mãos com azeite. Benjamin Franklin, que foi um sabio illustre, e começou a sua carreira por compositor, recomenda aos artistas das typographias duas virtudes: primeira — a economia, segunda — a frugalidade.

O exemplo deste grande mestre deve servir-lhes de lição; viveu feliz e honrado, e morreu de 84 annos de idade.

X. d'A.

PEDRAS LITHOGRAPHICAS PORTUGUEZAS.

QUANDO em o nosso N.º 101 tractámos amplamente da lithographia, fizemos menção de uma associação que começava a estabelecer-se com a denominação de *Companhia Conimbricense de exploração de pedreiras lithographicas*. Agora, fieis ao plano de consignar neste jornal todos os factos, que chegarem ao nosso conhecimento, de que resultar honra ou proveito á industria nacional, diremos aos nossos leitores que os *figurinos*, que acompanham o N.º 28 do Correio das Damas, publicado nesta côrte em 25 d'Agosto do corrente, foram lithographados em pedras fornecidas pela Companhia de Coimbra, e que a experiencia mostrou que estas pedras são tão aptas como as alemãs para todo o trabalho lithographico, quer a lapis quer a tinta. Temos portanto mais uma produção industrial no paiz, mais um emprego de braços no serviço da Companhia, e talvez que no futuro mais um genero de exportação, vista a carestia das pedras da Baviera, e a falta que ha dellas nos outros paizes onde as que se encontram são muito ordinarias. Tanto basta para elogio e estímulo da Companhia Conimbricense.

ECONOMIA POLITICA.

Um facto curioso confirma a doutrina que expendemos em o N.º 123 sobre o producto comparado das grandes, e pequenas taxas nos objectos de consumo geral.

No anno de 1800 o direito sobre o vinho do Porto, importado em Inglaterra, era de 40 libras sterl.

por tonel: este direito produziu 224:000 lib. sterl. Em 1824 o direito era de 90 lib. sterl., e produziu 100:000 lib. sterl. Assim o augmento de direitos na proporção de mais de cento por $\frac{0}{0}$ teve em resultado a diminuição na receita de mais de ametade.

SOBRE O SAL EMPREGADO COMO REMEDIO PARA CERTAS DOENÇAS DOS ANIMAES.

Mr. Curwen membro muito distincto do parlamento inglez, e cujas opiniões em agricultura fazem auctoridade, publicou o resultado das suas experiencias nesta materia, e são as seguintes: — Na primavera passada [diz elle] um dos meus rebanhos foi atacado de uma molestia inflammatoria: fiz-lhe dar sal em fortes doses de cinco e seis onças por dia: a doença dissipou-se promptamente. Quando os rebanhos pastam em terrenos humidos, ha grande perigo de os vêr atacados de epizootias: achei então que o sal era um remedio certo contra ellas.

Dou-o tambem aos cavallos, a que incham as pernas em consequencia de grandes fadigas. Neste caso póde dar-se a dose desde dez onças por dia até dezeseis.

O sal dado ás vaccas tira ao leite e á manteiga aquelle gosto a herva que tem quando ellas a comem. Tambem é util ás ovelhas no inverno: para isto dissolve-se o sal em uma pouca d'agua da fonte, e deita-se-lhe melaço. É perservativo certo contra as disenterias a que são mui sugeitas. Como o sal é um alimento, ou um veneno segundo as doses em que se dá: por isso damos aqui as que o mesmo Mr. Curwen dava aos seus rebanhos, e animaes em diversas circumstancias, e com differença das estações.

	Primavera. Abril.	Inverno. Dezembro.
Cavallos	4 onças.	6 onças.
Vaccas de leite.	4 onças.	4 onças.
Bois a engordar	4 onças.	6 onças.
Novilhos	2 onças.	3 onças.
Bezerros	1 onça.	4 por semana.
Carneiros	2 onças.	

Para conservar as plantas contra os insectos. — Para conservar as plantas borrifam-se muito bem com uma dissolução de herva baboza em agua commum. Esta dissolução não ataca as plantas, e as livra dos insectos.

FAÇAM o que quizerem: em quanto se não cuidar effectivamente na educação da plebe, assim politica como religiosa, verão sempre perpetuada a cadêa das desordens, que desafiam a nossa magua: porque emfim é grande loucura esperar que venha a ser melhor a geração futura se lhe não fornecer-mos outros recursos, que não teve a nossa. — D. Fr. Castano Brandão.

CONSIDERO as dignidades como algumas syllabas mais para um epitaphio. Se o homem ha-de ficar soterrado debaixo das inscripções da campa, onde ha nisto motivos de vaidade?

O Papa, Ganganelli.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagador dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.